

ESCOLA ALEF PERETZ

Hadassa Yehezkeli

**Política de Controle de Armas: Legislação brasileira e seu
impacto na segurança nas escolas**

Trabalho orientado pelo Professor Carlos
Moacir Vedovato Junior

São Paulo

2024

RESUMO:

Este trabalho analisa como a flexibilização das leis de armamento, incentivada por figuras políticas no Brasil, afeta diretamente a segurança nas escolas. Focado no período do governo Jair Bolsonaro, o estudo revela que a promoção do armamento civil, por meio de decretos e discursos políticos, correlaciona-se com um aumento expressivo de ataques violentos nas instituições de ensino. Foram utilizadas tanto metodologias de pesquisa bibliográfica quanto análises quantitativas para investigar o impacto dessas políticas no ambiente escolar. A legislação promovida pelo governo facilitou o acesso a armas por civis, resultando em um cenário onde, entre 2022 e 2023, ocorreram os maiores números de ataques a escolas da história do Brasil, com 58,3% de todos os incidentes registrados desde o início dos anos 2000. Além disso, o discurso político também influenciou a percepção social sobre o uso de armas, moldando atitudes que podem ter contribuído para o aumento da violência nas escolas. O estudo enfatiza a importância do controle de armas como uma medida fundamental para a redução de incidentes violentos em instituições de ensino, destacando a necessidade de um debate mais amplo sobre políticas de segurança pública que priorizem a proteção de alunos e profissionais da educação. As conclusões reforçam que o controle mais rígido sobre o acesso às armas tem o potencial de reduzir significativamente a violência em ambientes educacionais, garantindo assim um espaço mais seguro para o desenvolvimento acadêmico e social das futuras gerações.

Palavras-chave: controle de armas, segurança escolar, violência nas escolas, legislação, Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	3
JUSTIFICATIVA	4
OBJETIVOS	5
METODOLOGIA	8
RESULTADOS OBTIDOS.....	9
CONCLUSÕES OU CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	10
REFERÊNCIAS.....	13
APÊNDICE.....	13

INTRODUÇÃO:

O debate sobre o controle de armas e sua relação com a segurança pública no Brasil tem ganhado crescente atenção, especialmente no contexto das políticas adotadas durante o governo de Jair Bolsonaro. A partir de 2019, uma série de mudanças legislativas flexibilizou o acesso a armamentos, promovendo a ideia de que o armamento da população civil garantiria maior segurança. No entanto, essa política gerou controvérsias, principalmente devido ao aumento expressivo de ataques violentos em escolas brasileiras, uma questão que levanta preocupações sobre as consequências diretas e indiretas dessas medidas.

A violência nas escolas é um fenômeno complexo, multifacetado, e seu crescimento no Brasil, especialmente após 2022, exige uma análise profunda das possíveis causas subjacentes. O impacto das políticas de armamento na segurança escolar é um aspecto crucial dessa análise. Estudos internacionais, como os realizados nos Estados Unidos, onde a posse de armas é amplamente difundida, têm demonstrado uma correlação preocupante entre o fácil acesso a armas e a ocorrência de massacres em escolas. Este trabalho se propõe a investigar se essa correlação também se aplica ao contexto brasileiro.

Autores como Daniel Cara e Laura Mattos discutem como as mudanças na legislação sobre armas e o ambiente político podem ter influenciado o aumento de casos de violência escolar no Brasil. Além disso, pesquisas recentes apontam que grande parte dos ataques ocorridos nas escolas brasileiras desde 2022 foram realizados por indivíduos que tiveram acesso facilitado a armas de fogo, muitas vezes motivados por discursos que normalizam a violência como forma de resolver conflitos.

Diante desse cenário, a presente pesquisa busca compreender os efeitos das políticas de controle de armas implementadas no Brasil nos últimos anos e seu impacto direto na segurança das escolas. A análise se concentrará em contextualizar as mudanças legislativas, examinar os dados sobre ataques a escolas, e avaliar se as políticas de armamento contribuíram para um aumento da violência no ambiente escolar.

Para tanto, o estudo se baseia em uma ampla revisão bibliográfica e na análise de dados quantitativos sobre violência escolar, buscando identificar padrões que possam indicar uma relação entre as políticas de armamento e os ataques a escolas. Esta introdução fornece a base teórica e o contexto necessário para a investigação que se segue, estabelecendo a importância de explorar a segurança escolar em relação às políticas de armamento e seus efeitos na sociedade brasileira.

JUSTIFICATIVA:

A correlação entre as mudanças na legislação sobre armas e o aumento de casos de violência nas escolas é uma possível evidência da causa do considerável aumento de incidentes desde 2022, quando as escolas reabriram após um extenso período de fechamento. Os 21 ataques e 11 mortes ocorridos nesse período representam 58,3% de toda a história dessa violência no país.¹

Desde o primeiro ataque reportado em uma escola do país, em agosto de 2001, na Bahia, foram 36 ataques cometidos por 39 estudantes e ex-estudantes, em 37 escolas, que resultaram em 40 mortes e 102 pessoas feridas. Das 37 escolas atingidas, 30 eram públicas (17 estaduais e 13 municipais) e sete, particulares.²

O contexto regulatório sob o governo Bolsonaro foi caracterizado por decretos que facilitam o acesso às armas, na tentativa de driblar o Congresso, com alguns decretos sendo contestados em esferas legislativas e judiciais. Entre as medidas mais relevantes, destacam-se aquelas que autorizam o registro de quatro armas por pessoa, permitem a posse de armas a moradores de áreas rurais, elevam significativamente os limites anuais de munições e revogam portarias do Exército que anteriormente possibilitavam o rastreamento e controle de armamentos.³

No governo Bolsonaro o incentivo ao armamento da população não vem apenas na legislação, mas também em suas falas. O discurso presidencial pode ter efeitos significativos na sociedade, moldando atitudes em relação às armas e influenciando padrões de comportamento. “Eu entendo que arma é liberdade, é segurança e é a garantia de uma nação também. O maior exército do mundo é o americano, são seus CACs [Colecionador, Atirador Desportivo e Caçador] também. Aqui nós estamos chegando a 700 mil CACs. Em três anos e meio, dobramos o número de CACs no Brasil”, disse Bolsonaro, no Palácio da Alvorada.⁴

¹ MATTOS, Laura. Brasil teve 36 ataques a escolas; pós pandemia tem 60%. Uol, 23 out. 2023. Disponível em: [² NUNES, Tote. Escolas registram explosão de casos de violência extrema em 2022 e 2023. Unicamp, 11 dez. 2023. Disponível em: \[³ DECRETOS pró-armas de Bolsonaro enfrentam resistência no Senado. Agência Senado, 23 jul. 2021. Disponível em: \\[⁴ PORCELLA, Iander; SOUZA, Matheus de. Bolsonaro faz discurso pró-armas dois dias após assassinato de petista no Paraná. Estadão, 11 jul. 2022. Disponível em: \\\[4\\\]\\\(https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-faz-discurso-pro-armas-dois-dias-apos-assassinato-de-petista-no-parana/. Acesso em: 3 mar. 2024.</p></div><div data-bbox=\\\)\\]\\(https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/23/decretos-pro-armas-de-bolsonaro-enfrentam-resistencia-no-senad-o#:~:text=Tamb%C3%A9m%20de%20autoria%20do%20Executivo,justi%C3%A7a%20e%20agentes%20de%20seguran%C3%A7a. Acesso em: 8 fev. 2024.</p></div><div data-bbox=\\)\]\(https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/12/11/escolas-registram-explosao-de-casos-de-violencia-extrema-em-2022-e-2023. Acesso em: 3 mar. 2024.</p></div><div data-bbox=\)](https://www.google.com/search?q=ataques+a+escolas+no+brasil&rlz=1CAUSZT_enBR1071BR1071&oq=ataques+a&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBwgBEAAYgAQyBggAEEUYOTIHCAEQABiABDIQCAIQABiDARixAxiABBiKBTIHCMQABiABDIHCAQQABiABDIHCAUQABiABDIHCAQYQABiABDIHCACQABiABDIHCAGQABiABDIHCAkQABiABNIBCDc3MjJqMGo3qAIAA&sourceid=chrome&ie=UTF-8#:~:text=Brasil%20teve%2036,2023/10%20%E2%80%BA%20b. Acesso em: 8 fev. 2024.</p></div><div data-bbox=)

A importância do problema reside na necessidade urgente de compreender como a legislação de controle de armas impacta a segurança pública, especialmente no ambiente escolar. A violência nas escolas não apenas afeta a integridade física e emocional dos estudantes e profissionais da educação, mas também tem implicações mais amplas na sociedade e na qualidade da educação.

OBJETIVOS:

O trabalho buscou investigar como a regulamentação do acesso às armas pode ou não gerar uma sociedade mais violenta de forma a resultar em casos de violência extrema nas escolas. Tendo em vista que em 2002 e 2003 houve um caso respectivamente, em 2011 dois casos, em 2012, 2017 e 2018 houve um caso, em 2019 três casos, 2021 dois casos, 2022 seis casos e em 2023 houve nove casos até outubro. Esse aumento notável se deu de forma alinhada com a ampliação ao acesso de armas que se deu no governo Bolsonaro, como o que autoriza que cada pessoa registre quatro armas (antes eram duas); o que permite posse de armas a moradores de áreas rurais; o que aumenta o limite anual de munições de 50 para 200 (e depois, para 550); e o que revoga três portarias do Exército que possibilitavam o rastreamento e o controle de armamentos.

Objetivos Específicos

1. Analisar as mudanças legislativas relacionadas ao controle de armas no Brasil, destacando as principais alterações ocorridas entre 2019 e 2023.
2. Examinar dados quantitativos sobre ataques a escolas antes e depois das alterações na legislação sobre armas, buscando identificar possíveis correlações.
3. Avaliar o impacto do discurso político pró-armamento na sociedade brasileira, especialmente no contexto da segurança nas escolas.

METODOLOGIA:

Para esta pesquisa, foi utilizado principalmente o método de pesquisa bibliográfico e o principal objetivo foi revisar a literatura existente sobre dinâmicas sociais, além de procurar entender a situação política e social brasileira a fim de entender o que foi necessário para o aumento significativo dos ataques às escolas no período do governo Bolsonaro.

A pesquisa incluiu revisar reportagens e noticiários que tivessem relação com o tema. Além de consulta de leis promulgadas, projetos de lei e discussões do Senado e Câmara.

Outro método de pesquisa utilizado foi a pesquisa quantitativa, que se mostrou importante para que o tema fosse devidamente explorado, incluindo a revisão de dados de taxa de violência em determinados períodos.

RESULTADOS OBTIDOS:

A pesquisa revelou uma correlação significativa entre a flexibilização das leis de armamento no Brasil e o aumento de ataques a escolas. A análise quantitativa dos dados mostrou que, a partir de 2022, houve um aumento expressivo no número de incidentes violentos em escolas, coincidindo com o período de maior flexibilização das leis de armas e a amplificação do discurso pró-armamento por parte do governo. Especificamente, observou-se que 58,3% dos ataques a escolas ocorreram após 2022, um período marcado pela reabertura das instituições de ensino e por políticas que facilitaram o acesso a armas de fogo. O projeto funciona para traçar um panorama abrangente das consequências dessas políticas, integrando dados legislativos, quantitativos e análises de discurso. A combinação dessas abordagens permitiu identificar tendências preocupantes e fornecer uma base sólida para discussões futuras sobre a necessidade de revisões nas políticas de armamento e segurança escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A investigação conduzida ao longo da pesquisa, foi revelada uma relação significativa entre as políticas de armamento promovidas durante o governo Bolsonaro e o aumento da violência nas escolas brasileiras. A análise dos dados, aliada a uma revisão crítica da literatura, permitiu compreender como as mudanças legislativas e o discurso político podem ter contribuído para a criação de um ambiente mais propício à violência, especialmente em instituições de ensino.

As políticas de flexibilização do controle de armas, como a permissão para que cada cidadão registre até quatro armas de fogo e o aumento do limite de munições de 50 para 550 por ano, representaram uma ruptura significativa com as medidas de controle mais rígidas que estavam em vigor. Conforme destacado por Cara (2024), tais políticas, implementadas sem a devida consideração das consequências sociais, contribuíram para uma escalada na circulação de armas, o que se refletiu diretamente no aumento dos ataques em escolas. Os dados mostram que 58,3% dos ataques escolares registrados no Brasil ocorreram após 2022, um período marcado pela ampliação do acesso a armas e pelo retorno das atividades escolares presenciais após o período de isolamento devido à pandemia.

Além das mudanças legais, o discurso político desempenhou um papel crucial nesse cenário. O ex-presidente Bolsonaro, em diversas ocasiões, associou o armamento civil à liberdade e à segurança, afirmando que "arma é liberdade" e que "um povo armado jamais será escravizado" (Porcella & Souza, 2022). Esse tipo de retórica não apenas legitimou o uso de armas como ferramenta de defesa pessoal, mas também criou um clima de permissividade em relação à violência, que pode ter influenciado especialmente os jovens, como apontado por Nunes (2023). O efeito copycat, ou crimes por imitação, também deve ser considerado, conforme destacado no relatório do Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas, que indica que os ataques em escolas muitas vezes se baseiam em crimes anteriores, perpetuando um ciclo de violência (Cara, 2024).

A correlação entre o aumento dos ataques e a flexibilização das leis de armas não pode ser ignorada. Como observado por Mattos (2023), o Brasil, que registrou 36 ataques a escolas até outubro de 2023, viu um aumento significativo desses incidentes durante e após o governo Bolsonaro, quando a política de armamento foi mais intensamente promovida. Esses dados sugerem que a combinação de um acesso mais fácil a armas e um discurso que incentiva o uso dessas armas pode ter contribuído para a insegurança nas escolas, que são tradicionalmente espaços destinados à educação e ao desenvolvimento social.

Para reverter essa tendência, é fundamental que as políticas públicas voltem a priorizar o controle rigoroso do acesso a armas. Como recomendam Francisco da Silva (2020) e Boito Jr. (2021), é necessário que o governo brasileiro reavalie suas políticas de armamento, adotando medidas que limitem o acesso a armas de fogo e promovam a resolução de conflitos de forma pacífica. Além disso, é essencial implementar programas educativos que conscientizem sobre os riscos do uso de armas e que incentivem a cultura da paz, especialmente entre os jovens, que são particularmente suscetíveis a influências externas.

As conclusões do trabalho indicam que as políticas de armamento adotadas nos últimos anos não cumpriram a promessa de aumentar a segurança da população. Pelo contrário, essas políticas parecem ter contribuído para a criação de um ambiente mais violento, que se manifestou de forma particularmente trágica nas escolas. A pesquisa realizada demonstra a importância de revisões legislativas que restrinjam o acesso a armas e de iniciativas que promovam a segurança escolar de maneira holística, abordando tanto os aspectos legais quanto os sociais e educacionais.

REFERÊNCIAS:

DECRETOS pró-armas de Bolsonaro enfrentam resistência no Senado. Agência Senado, 23 jul. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/23/decretos-pro-armas-de-bolsonaro-enfrentam-resistencia-no-senado#:~:text=Tamb%C3%A9m%20de%20autoria%20do%20Executivo,justi%C3%A7a%20e%20agentes%20de%20seguran%C3%A7a>. Acesso em: 8 fev. 2024.

CONSULTA pública: PROJETO DE DECRETO LEGISLATIVO nº 55 de 2021 (PDL 55/2021). Agência Senado, 8 fev. 2024. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadaia/visualizacaomateria?id=146551>. Acesso em: 22 fev. 2024.

PORCELLA, Iander; SOUZA, Matheus de. Bolsonaro faz discurso pró-armas dois dias após assassinato de petista no Paraná. Estadão, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-faz-discurso-pro-armas-dois-dias-apos-assassinato-de-petista-no-parana/>. Acesso em: 3 mar. 2024.

FRANCO, Adriana. Fenaj revela que violência contra jornalistas aumenta 54% em 2019. Vermelho, 16 jan. 2020. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2020/01/16/fenaj-revela-que-violencia-contrajornalistas-aumenta-54-em-2019/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

XAVIER, Cezar. Quantos atentados foram cometidos por apoiadores de Bolsonaro?. Vermelho, 12 jul. 2022. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2022/07/12/quantos-atentados-foram-cometidos-por-apoiadores-de-bolsonaro/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

MACIEL, Alice; LAVOR, Thays; ROZA, Gabriele; RIBEIRO, Alexsandro; LÁZARO JR., José; ZANATTA, Carolina. Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país. Publica, 10 out. 2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/10/apoiadores-de-bolsonaro-realizaram-pelo-menos-50-ataques-em-todo-o-pais/>. Acesso em: 24 abr. 2024.

G1. Bolsonaro e os filhos fizeram 469 ataques a jornalistas e veículos de imprensa em 2020, diz ONG, 25 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/25/bolsonaro-e-os-filhos-fizeram-469-ataques-j>

[ornalistas-e-veiculos-de-imprensa-em-2020-diz-ong_gh.html#:~:text=Levantamento%20da%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%2Dgovernamental,ve%C3%ADculos%20de%20imprensa%20em%202020. Acesso em: 24 abr. 2024.](#)

FRANCISCO DA SILVA, Magno. O que é o bolsonarismo e como derrotá-lo. Tricontinental, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/o-que-e-o-bolsonarismo-e-como-derrota-lo/>. Acesso em: 18 abr. 2024.

CATALANI, Felipe. A decisão fascista e o mito da regressão: o Brasil à luz do mundo e vice-versa. Blog Boitempo, [S. l.], 23 jul. 2017. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2019/07/23/a-decisao-fascista-e-o-mito-da-regressao-o-brasil-a-luz-do-mundo-e-vice-versa/>. Acesso em: 28 mar. 2024.

VIOLÊNCIA Política e Eleitoral no Brasil. Terra de direitos, 2 out. 2022. Disponível em: <https://terradedireitos.org.br/violencia-politica-e-eleitoral-no-brasil/index?download=1>. Acesso em: 28 de mar. 2024.

PEIXOTO, Sinara. Linha do tempo: a escalada da tensão entre STF e Bolsonaro em um mês. CNN Brasil, 5 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/linha-do-tempo-a-escalada-da-tensao-entre-stf-e-bolsonaro-em-um-mes/>. Acesso em: 12 maio 2024.

BOITO JR., Armando. O CAMINHO BRASILEIRO PARA O FASCISMO. SciELO, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/CSKYLS49WkF4Zr7fnFJTMmm/?lang=pt#>. Acesso em: 12 maio 2024.

LAGO, RUDOLFO; SARDINHA, EDSON; LIPPELT, VANESSA. ONZE VEZES EM QUE O BOLSONARISMO FLERTOU COM O NAZISMO. Congresso em foco, Uol, 13 fev. 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/onze-vezes-em-que-o-bolsonarismo-flertou-com-o-nazismo/>. Acesso em: 12 maio 2024.

SOUZA, Renata. Em 24h, número de interdições e bloqueios em rodovias cai de 235 para 146. CNN, 2 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/live-update/politica/as-ultimas-noticias-sobre-os-bloqueios-nas-rodovias-por-apoiadores-de-bolsonaro-2/>. Acesso em: 13 maio 2024.

BOLSONARISTAS se reuniram em atos antidemocráticos em 24 estados e no DF. G1, 2 nov. 2022. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/11/02/atos-bolsonaristas-quarteis-brasil_gh.html. Acesso em: 15 maio 2024.

LYNCH, Christian; CASIMIRO, Paulo. Negacionismo e conspiracionismo como instrumentos do populismo reacionário. Revista Coletiva, Recife, n. 32, jan.fev.mar.abr.maio. 2023. Disponível em: <<https://www.coletiva.org/dossie-negacionismos-e-autoritarismo-n32-artigo-negacionismo-co-nspiracionismo-populismo-reacion>>. Acesso em 15 maio 2024.

BISPO, Fábio Santos; SCARAMUSSA, Melissa Festa; SILVA, Beatriz Oliveira Da. Bolsonarismo e a psicologia das massas 100 anos depois. Trivium, Rio de Janeiro, v. 14, n. spe, p. 113-126, abr. 2022. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912022000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 16 maio 2024.

ANDRADE, Hanrrikson de. Bolsonaro contraria Constituição e diz que ‘minorias têm que se adequar’. Uol, 15 jul. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-trans-fobicas-minorias-tem-que-se-adequar.htm>. Acesso em: 16 maio 2024.

RIBEIRO, Janaína. Set/2018: "Vamos fuzilar a petralhada", diz Bolsonaro em campanha no Acre. Exame, 3 set. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>. Acesso em: 16 maio 2024.

ALMEIDA, Antonio. Natureza, causas e consequências do fanatismo. Segunda Opinião, 5 jun. 2023. Disponível em: <https://segundaopinio.jor.br/natureza-causas-e-consequencias-do-fanatismo/>. Acesso em: 24 jul. 2024.

CONCEIÇÃO, Fernando da. Ditadura militar e democracia no Brasil. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32494786/livro_ditadura_militar-libre.pdf?1391110810=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDitaDura_Militar_e_DeMocracia_no_Brasil.pdf&Expires=1722291486&Signature=NfcTjcgL~byyN0vRzp5su16FY-cg38PMn5CAEjUPUaqBMXj~9GWCUJCUJUAOclnVFMWqicGqRydJuDiTDEpxwzftU0nd9-xpI kod1~FBW9tIzjnKFAXWiLnR0Gx~iarpZjg5mYXT5ZNWV5~BA52fHfep5rzsQmjiqYwSG FeKkeBg4W8oN45wCIVp42UBmNDexF5sOuObghvqcZhrptUy1-Sh1o5YYu93bzxEDzO1 Hmf0pIDIm7CrV15CA52uVIzn4tO1OjOO16bk0qiiD2sqVNOB0YDDs~HIAo2-rUUbTi2S ZIUdHNYz-qU-SWjy72q5UHUF-WOTpANqGKa4c3Rg_&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GG SLRBV4ZA>. Acesso em: 25 jul. 2024.

LIMA, Thaís Damasceno; DEUS, Larissa Naves. A crise de 2008 e seus efeitos na economia brasileira. Cadernos de Economia, 2013. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rce/article/view/1651>. Acesso em: 25 jul. 2024.

MATTOS, Laura. Brasil teve 36 ataques a escolas; pós pandemia tem 60%. Uol, 23 out. 2023. Disponível em: https://www.google.com/search?q=ataques+a+escolas+no+brasil&rlz=1CAUSZT_enBR1071BR1071&oq=ataques+a&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBwgBEAAYgAQyBggAEEUYOTIHCAEQABiABDIQCAIQABiDARixAxiABBiKBTIHCAEQABiABDIHC AQQABiABDIHCAUQABiABDIHCAYQABiABDIHCAcQABiABDIHCAgQABiABDIH CAkQABiABNIBCDc3MjJqMGo3qAIA sAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8#:~:text=Brasil%20teve%2036,2023/10%20%E2%80%BA%20b. Acesso em: 8 fev. 2024.

BRASIL registra 9 ataques em escolas neste ano e atinge patamar recorde; relembre casos. CNN, 1 out. 2023. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/brasil-registra-9-ataques-em-escolas-neste-ano-e-atinge-patamar-recorde-relembre-casos/>. Acesso em: 29 fev. 2024.

SCHILLING, Flávia. A sociedade da insegurança e a violência na escola. 1ª edição. São Paulo: Moderna. 2004.

NUNES, Tote. Escolas registram explosão de casos de violência extrema em 2022 e 2023. Unicamp, 11 dez. 2023. Disponível em: <https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/12/11/escolas-registram-explosao-de-casos-de-violencia-extrema-em-2022-e-2023>. Acesso em: 3 mar. 2024.

CARA, Daniel. ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Ministério da Educação, [S. l.], p. ., 7 mar. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>. Acesso em: 7 mar. 2024.

PEREIRA GUIMARÃES, Saulo; BIMBATI, Ana Paula. Ataques a escolas têm 100% de autores homens, e maioria de vítimas é mulher. Uol, 2 dez. 2023. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2023/12/02/ataques-escolas-vitimas-mulheres-autores-homens.htm#:~:text=Ataques%20a%20escolas%20t%C3%AAm%20100%25%20de%20autores%20homens%2C%20e,maioria%20de%20v%C3%ADtimas%20%C3%A9%20mulher&tex>

[t=Mulheres%20s%C3%A3o%2060%25%20das%20v%C3%ADtimas.estudo%20de%20pesquisadores%20da%20Unicamp](#). Acesso em: 12 maio 2024.

CASTRO SOUZA, Guilherme. Ocorreram 36 ataques a escolas no Brasil entre 2002 e 2023. *Jornal Usp*, 19 fev. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/ocorreram-36-ataques-a-escolas-no-brasil-entre-2002-e-2023/#:~:text=Segundo%20o%20documento%2C%20o%20Brasil,fatais%20e%20115%20pessoas%20feridas>. Acesso em: 12 maio 2024.

VECHI, Fernando. **Neoconservadorismo, política e armas: a literatura e as organizações pró-armas dos Estados Unidos e a sua influência nos discursos da Bancada da Bala no Congresso Nacional**. 2023. Tese (Doutorado em Ciências Criminais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Criminais, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

APÊNDICE:

No governo Bolsonaro o incentivo ao armamento da população não vem apenas na legislação, mas também em suas falas. O discurso presidencial pode ter efeitos significativos na sociedade, moldando atitudes em relação às armas e influenciando padrões de comportamento. “Eu entendo que arma é liberdade, é segurança e é a garantia de uma nação também. O maior exército do mundo é o americano, são seus CACs [Colecionador, Atirador Desportivo e Caçador] também. Aqui nós estamos chegando a 700 mil CACs. Em três anos e meio, dobramos o número de CACs no Brasil”, disse Bolsonaro, no Palácio da Alvorada.⁵

O contexto regulatório sob o governo Bolsonaro foi caracterizado por decretos que facilitam o acesso às armas, na tentativa de driblar o Congresso, com alguns decretos sendo contestados em esferas legislativas e judiciais. Entre as medidas mais relevantes, destacam-se aquelas que autorizam o registro de quatro armas por pessoa, permitem a posse de armas a moradores de áreas rurais, elevam significativamente os limites anuais de munições e revogam portarias do Exército que anteriormente possibilitavam o rastreamento e controle de armamentos.⁶

⁵ PORCELLA, Iander; SOUZA, Matheus de. Bolsonaro faz discurso pró-armas dois dias após assassinato de petista no Paraná. *Estadão*, 11 jul. 2022. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-faz-discurso-pro-armas-dois-dias-apos-assassinato-de-petista-no-parana/>.

⁶ DECRETOS pró-armas de Bolsonaro enfrentam resistência no Senado. Agência Senado, 23 jul. 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/07/23/decretos-pro-armas-de-bolsonaro-enfrentam-resisten>

Mesmo antes de sua eleição, o até então candidato Jair Messias Bolsonaro já incitava a violência no país. Em campanha eleitoral na cidade de Rio Branco, no Acre, em 3 de setembro de 2018, fez gesto de arma, imitando um fuzilamento, enquanto discursava em cima de um carro de som. “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre, hein? Vamos botar esses picaretas para correr do Acre. Já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem de ir pra lá. Só que lá não tem nem mortadela, hein, galera. Vão ter de comer é capim mesmo”⁷, disse enquanto imitava tiros.

A assessoria do candidato afirmou à imprensa que o ato “foi uma brincadeira como sempre”. Essas ações, em vez de serem tratadas com a seriedade necessária, são desqualificadas como simples brincadeiras ou piadas. A eliminação da seriedade do discurso pode ser uma estratégia para minimizar o impacto dessas declarações e desviar a atenção do público das suas consequências reais.⁸

Quando uma figura pública, especialmente alguém que posteriormente se torna a figura de maior autoridade do país, faz declarações dessa natureza, as suas falas alcançam o potencial de influenciar a percepção e o comportamento da população. A linguagem violenta e a incitação ao ódio podem criar um ambiente propício para a escalada de conflitos e violência política, além de aprofundar divisões sociais já existentes.

Cerca de um mês depois, no primeiro turno da eleição, em 7 de outubro de 2018, se registram atentados por eleitores do Bolsonaro. O cineasta Guilherme Daldin é atropelado, em Curitiba; e a cantora trans Juliana Iguazu foi agredida na cabeça, assim como várias outras agressões LGBTfóbicas são relatadas pelo país. Três dias antes das eleições, viralizou nas redes sociais um vídeo em que um grupo de homens entoava um grito de guerra homofóbico no metrô de São Paulo: “Ô bicharada, toma cuidado, o Bolsonaro vai matar veado”.⁹

Além destes, pelo menos 50 casos de violência política promovida por bolsonaristas foram registrados nos dez dias anteriores em todo o país. Como o do jornalista e produtor audiovisual Guilherme Daldin, 26 anos, atropelado no dia 7 de outubro de 2018, dia da

cia-no-senado#:~:text=Tamb%C3%A9m%20de%20autoria%20do%20Executivo,justi%C3%A7a%20e%20agen
tes%20de%20seguran%C3%A7a

⁷ RIBEIRO, Janaína. Set/2018: "Vamos fuzilar a petralhada", diz Bolsonaro em campanha no Acre. Exame, 3 set. 2018. Disponível em:

<https://exame.com/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/>.

⁸ XAVIER, Cezar. Quantos atentados foram cometidos por apoiadores de Bolsonaro?. Vermelho, 12 jul. 2022. Disponível em:

<https://vermelho.org.br/2022/07/12/quantos-atentados-foram-cometidos-por-apoiadores-de-bolsonaro/>

⁹ XAVIER, Cezar. Quantos atentados foram cometidos por apoiadores de Bolsonaro?. Vermelho, 12 jul. 2022. Disponível em:

<https://vermelho.org.br/2022/07/12/quantos-atentados-foram-cometidos-por-apoiadores-de-bolsonaro/>

votação em primeiro turno, às 21 horas. Pelas circunstâncias, a vítima vê só um motivo: vestia camiseta vermelha, com uma imagem do ex-presidente Lula.

A violência ocorreu em frente ao Bar do Torto, na região central e boêmia de Curitiba, capital do Paraná, na qual é comum conversar na calçada. O jovem estava com os colegas no bicicletário. De costas para a rua, Daldin disse que repentinamente sentiu o carro, um Sandero branco, bater no lado esquerdo de sua cintura e passar por cima do pé.

“Com o movimento da roda passando sobre o meu pé, eu caí com tudo no chão e comecei a sentir a físgada, como se estivesse puxando. Isso foi em milésimos de segundo. Não fazia ideia do que estava acontecendo, simplesmente caí e depois fiquei muito preocupado com minha perna, minha impressão é que tinha acontecido algo pior”, disse à reportagem.

O motorista fugiu sem prestar nenhum tipo de assistência. Seus amigos o seguiram. “Era um homem e uma mulher, segundo meus amigos. Ele estava com uma camiseta do Brasil [da seleção brasileira de futebol]. Pararam do lado do carro e perguntaram se era ele que tinha me atropelado. Relataram que ele abaixou o vidro e de forma bem fria fez um gesto de quem vai pegar algo no console, dizendo ‘eu tenho uma surpresinha aqui para vocês’”. Com medo de que fosse uma arma, eles foram embora. “Ninguém queria fazer justiça, mas sim averiguar, tentar entender o que motivou, pois todos que estavam na rua disseram que o cara claramente tacou o carro em mim.”

Orientado pelos policiais militares que fizeram o primeiro atendimento no local da violência, Daldin foi no dia seguinte (8 de outubro) até a Central de Flagrantes da Polícia Civil, no centro da cidade, para registrar um Boletim de Ocorrência (BO). Com a ajuda de amigos, o jornalista conseguiu identificar o motorista, pois a placa do carro foi registrada. Só que na Polícia Civil, o computador da escrivã tinha adesivos pró-Bolsonaro.

“Foi ali que me senti impotente, despossuído de direitos. Cheguei a ficar mais assustado naquele momento que no dia anterior. E agora, você vai recorrer para quem?” O jornalista mudou de delegacia e foi até o departamento da Polícia Civil em outro bairro, nas Mercês, com o objetivo de se sentir menos acuado para prestar queixa.¹⁰

Em 28 de novembro de 2019, um apoiador de Jair Bolsonaro, Fábio Leandro Schwindlein, de 44 anos, matou o idoso Antônio Carlos Rodrigues Furtado, de 61 anos, após

¹⁰ MACIEL, Alice; LAVOR, Thays; ROZA, Gabriele; RIBEIRO, Alexsandro; LÁZARO JR., José; ZANATTA, Carolina. Apoiadores de Bolsonaro realizaram pelo menos 50 ataques em todo o país. Pública, 10 out. 2018. Disponível em: <https://apublica.org/2018/10/apoiadores-de-bolsonaro-realizaram-pelo-menos-50-ataques-em-todo-o-pais/>.

agressão com socos e pontapés por discussão política. O crime ocorreu na região central de Balneário Camboriú, Santa Catarina.

“F.L.S iniciou com as agressões. Após o ato, a vítima caiu no chão, e o autor continuou a agredi-lo. Em ato contínuo, a vítima levantou-se e pediu para cessar com a agressão, pedido este ignorado pelo autor do fato. Neste momento, a vítima caiu novamente no chão, desta vez, desacordado”, diz o boletim de ocorrência. Rodrigues teve uma parada cardíaca no local e faleceu.¹¹

No ano de 2021, em 7 de setembro, um grupo de bolsonaristas empenhou-se em invadir o acampamento indígena Luta pela vida, em frente à Funarte. Por volta das 3h, cerca de 10 manifestantes pró Bolsonaro provocaram e mostraram armas aos indígenas que faziam a segurança do local. “Vieram pelo banheiro. Eles fizeram questão de mostrar armas e defenderam muito o Bolsonaro. Não temos apoio da polícia, somos só nós. Mas não vamos ficar de braços cruzados se vierem de novo”, afirmou Anderson, do povo Krenak de Minas Gerais; “Passaram o tempo zoando. Eu acho que vieram testar, ver como a gente está”, disse o segurança do acampamento Pablo, do povo Puri do Amazonas.

Na data de 15 de outubro de 2021, o radialista Jerry de Oliveira sofreu várias ameaças de um bolsonarista que mora no seu bairro, chamado Lourival Bento. Além de intimidações verbais, o filho de Lourival chegou a se dirigir a ele com uma arma na mão dizendo que “ninguém mais falaria mal do Bolsonaro”.

O bolsonarista gravou vídeo reafirmando as ameaças e disse que a polícia queria matar o radialista, também. “Ele deu a entender que estaria sendo acobertado ou ajudado pela polícia. E realmente, quando fomos à delegacia, os policiais sequer queriam nos ouvir ou ver o vídeo com as ameaças. Não quiseram ir ao local em que fui fechado e ameaçado com a arma para pegar vídeos de segurança do comércio local com as imagens do crime”, relatou.¹²

No mesmo ano, em 13 de dezembro de 2021, repórteres da TV Bahia e da TV Aratu, afiliadas da Globo e do SBT, tentaram se aproximar para entrevistar Bolsonaro, mas a equipe de segurança agiu para impedir. Um dos seguranças deu mata-leão na repórter Camila Marinho. A pochete da repórter também foi arrancada por apoiadores de Bolsonaro. Outro segurança tentou impedir que os jornalistas erguessem os microfones em direção a Bolsonaro. Os jornalistas da TV Aratu, Xico Lopes e Dário Cerqueira, também foram

¹¹ XAVIER, Cezar. Quantos atentados foram cometidos por apoiadores de Bolsonaro?. Vermelho, 12 jul. 2022. Disponível em:

<https://vermelho.org.br/2022/07/12/quantos-atentados-foram-cometidos-por-apoiadores-de-bolsonaro/>

¹² XAVIER, Cezar. Quantos atentados foram cometidos por apoiadores de Bolsonaro?. Vermelho, 12 jul. 2022. Disponível em:

<https://vermelho.org.br/2022/07/12/quantos-atentados-foram-cometidos-por-apoiadores-de-bolsonaro/>

agredidos. A comitiva presidencial seguiu para dentro de uma escola. As equipes de reportagem não acompanharam, para evitar novas confusões. Somente então a assessoria de imprensa da Presidência chamou os repórteres dos dois veículos para dentro do local.

O ataque à imprensa é uma característica forte do governo sob o comando de Jair Messias Bolsonaro. Um levantamento da ONG Repórteres Sem Fronteiras aponta que o ex-presidente e os filhos políticos fizeram ao todo 469 ataques a jornalistas e veículos de imprensa em 2020. Os números fazem parte de um balanço sobre ataques à imprensa feitos por autoridades públicas. Ao todo, a ONG registrou 508 ações desse tipo no ano anterior. Sozinho, Bolsonaro é responsável por 175 dos registros de violência, ou seja, 40,89% do total de 428 casos computados pela federação. Foram 145 ataques genéricos, direcionados a veículos de comunicação e a jornalistas.

"Quando os jornalistas não podem trabalhar em condições normais, são os cidadãos que não sabem de verdade o que está acontecendo no país. Acho que, num ano de pandemia, o direito à informação é tão importante quanto o direito à saúde. É muito importante dizer que não estamos defendendo os jornalistas em si, mas estamos defendendo a democracia como um todo", afirmou o diretor do escritório dos Repórteres Sem Fronteiras na América Latina, Emmanuel Colombié.¹³

Além dos ataques, a Federação registrou, em 2019, 2 assassinatos, 28 casos de ameaça e intimidação, 15 agressões físicas, 10 casos de censura ou impedimento do exercício profissional, 5 ocorrências de cerceamento à liberdade de imprensa por ações judiciais, 2 casos de injúria racial e 2 ações de violência contra a organização sindical da categoria. "A censura é uma das formas mais subnotificadas no meio e mesmo assim identificamos 10 casos em 2019", declarou a presidente da Fenaj durante o lançamento do relatório.¹⁴

Na data de 17 de maio de 2022 o Ministério Público Eleitoral denunciou o deputado estadual bolsonarista Rodrigo Amorim do PTB pelo crime de violência política de gênero contra a vereadora trans Benny Briolly do PSOL do município de Niterói. Amorim se referiu à parlamentar como "aberração da natureza" e "boizebu" durante um debate sobre políticas de inclusão para a população LGBTQIAP+. Na semana anterior, a Justiça do Rio condenou o

¹³ G1. Bolsonaro e os filhos fizeram 469 ataques a jornalistas e veículos de imprensa em 2020, diz ONG, 25 jan. 2021. Disponível em:

<https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/25/bolsonaro-e-os-filhos-fizeram-469-ataques-jornalistas-e-veiculos-de-imprensa-em-2020-diz-ong.ghtml#:~:text=Levantamento%20da%20organiza%C3%A7%C3%A3o%20n%C3%A3o%2Dgovernamental,ve%C3%ADculos%20de%20imprensa%20em%202020>

¹⁴ FRANCO, Adriana. Fenaj revela que violência contra jornalistas aumenta 54% em 2019. Vermelho, 16 jan. 2020. Disponível em:

<https://vermelho.org.br/2020/01/16/fenaj-revela-que-violencia-contra-jornalistas-aumenta-54-em-2019/>

vereador bolsonarista Douglas Gomes, do PL, pelo crime de transfobia contra Benny. Ele se referia à vereadora de forma insistente no masculino.¹⁵

Em 15 de junho de 2022, um drone atirou fezes e urina em parte do público que aguardava um evento com Lula e Alexandre Kalil PSD, em Uberlândia (MG). Um suspeito de ser o dono do drone foi preso e a placa do carro foi identificada.

Contudo, nos dias 7 e 8 de julho de 2022, Bolsonaro se pronunciou sobre toda a situação, engrossou o discurso em prol da violência e dos atos extremistas contra o principal opositor: Lula, envolvendo os militares. Em ato oficial no interior paulista, ele disse que o contingente fardado tem o compromisso de se preparar para a possibilidade de agressões internas, destacando que não se pode comungar com uma “traição”.

“Nós militares, todos, vocês jovens cadetes que receberam o espadim há pouco, nós todos fizemos um juramento, dar a vida por nossa pátria, se preciso for. E esse dar a vida não é por possíveis agressões de fora, em especial, por agressões internas. Temos esse compromisso, temos de nos preparar dia a dia para essa possibilidade”, afirmou o até então chefe de estado, meses antes das eleições presidenciais do Brasil.

Na noite anterior, em transmissão ao vivo pelas redes sociais, Bolsonaro também enviou uma mensagem cifrada a seus apoiadores para que estes passem a tumultuar o processo eleitoral, antes da eleição daquele ano. Em sua fala na qual novamente incitou a violência, Bolsonaro chegou a mencionar a invasão ao Capitólio, nos Estados Unidos, quando o ex-presidente Donald Trump, ao ser derrotado nas urnas, provocou seus apoiadores a atacarem os parlamentares para garantir a continuação de seu governo.

“Se o pessoal do Comando de Defesa Cibernética do Exército detectar fraude não vai valer de nada esse trabalho porque o senhor (até então ministro do TSE, Edson) Fachin já declarou que isso não muda o resultado das eleições. Não preciso aqui dizer o que estou pensando, o que você está pensando. Você sabe o que está em jogo, e você sabe como deve se preparar, não para um novo Capitólio, ninguém quer invadir nada, mas nós sabemos o que temos que fazer antes das eleições”, adiantou Bolsonaro.

Perto das falas de Bolsonaro, no dia 10 de julho de 2022 um bolsonarista invade festa de aniversário e assassina dirigente petista em Foz do Iguaçu (PR).

Depois da derrota de Bolsonaro nas eleições para presidente, houve o maior ataque às instituições democráticas no pós-1988. Os atos de depredação do Congresso Nacional, do

¹⁵ XAVIER, Cezar. Quantos atentados foram cometidos por apoiadores de Bolsonaro?. Vermelho, 12 jul. 2022. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2022/07/12/quantos-atentados-foram-cometidos-por-apoiadores-de-bolsonaro/>

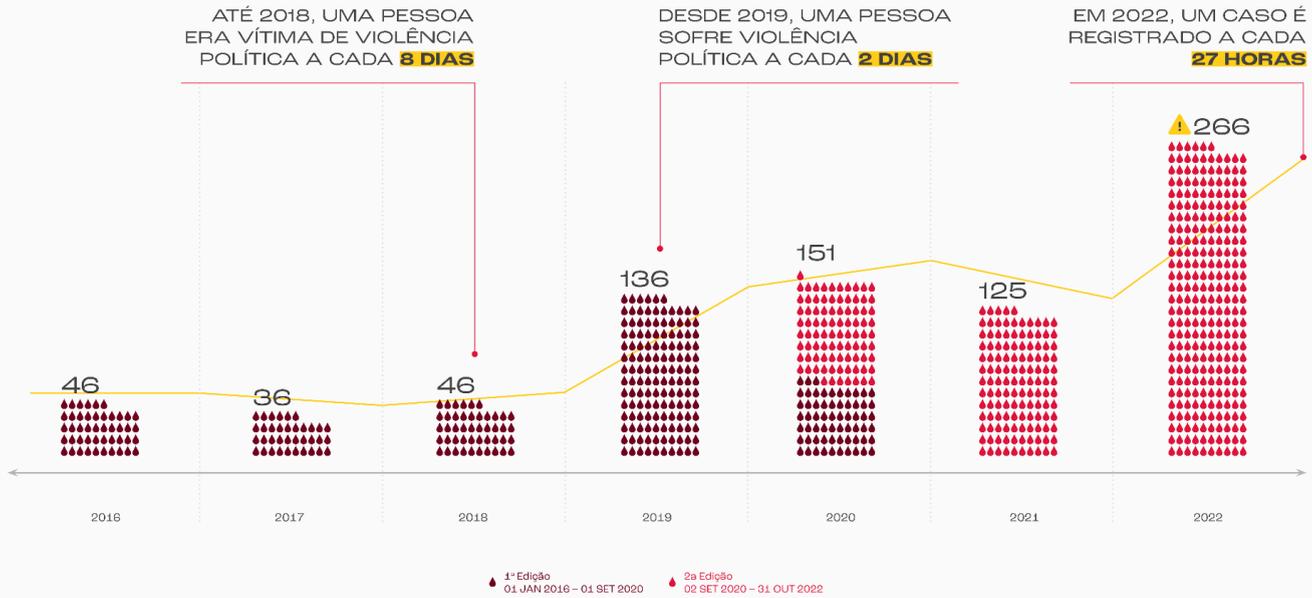
Palácio do Planalto e do Supremo Tribunal Federal em 8 de janeiro de 2023 tinham uma finalidade: causar distúrbio social apto a pretender uma intervenção militar ou algum outro tipo de ruptura do poder-um golpe de estado. Seus objetivos golpistas se enquadram em uma narrativa e forma de percepção da política própria do movimento bolsonarista.

1. LINHA DO TEMPO DA VIOLÊNCIA POLÍTICA NO BRASIL

→ 1 DE JANEIRO DE 2016 A 31 DE OUTUBRO DE 2022

Foram registrados **542 casos** ilustrativos de violência política no período entre 2 de setembro de 2020 a 31 de outubro de 2022

Desde o início da série histórica, foram registrados **869 casos** de violência política no Brasil



3. COMPARAÇÃO DOS CASOS DE VIOLÊNCIA POLÍTICA

→ 1 DE JANEIRO DE 2016 A 31 DE OUTUBRO DE 2022

	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022
ASSASSINATOS	19	15	9	12	40	19	9
ATENTADOS	11	4	8	20	91	9	25
AMEAÇAS	5	4	9	57	38	38	96
AGRESSÕES	4	3	11	12	15	23	63
OFENSAS	4	8	7	35	10	35	65
CRIMINALIZAÇÃO	2	-	1	-	2	-	5
INVASÕES	1	2	1	-	18	1	3

VIOLÊNCIA Política e Eleitoral no Brasil. Terra de direitos, 2 out. 2022. Disponível em:

<https://terradedireitos.org.br/violencia-politica-e-eleitoral-no-brasil/index?download=1>.

O bolsonarismo, como expressão política dessa tendência autoritária e intolerante, capitaliza sobre esses sentimentos de insegurança e desilusão. Ele se apresenta como uma resposta firme à violência, prometendo ordem e segurança por meio de políticas autoritárias e nacionalistas.¹⁶

Assim como o fascismo, o bolsonarismo exibe uma tendência autoritária e antidemocrática. O discurso de Bolsonaro e seus apoiadores muitas vezes mostra desprezo pela democracia e instituições democráticas, buscando consolidar o poder de forma centralizada e enfraquecer os mecanismos de controle e equilíbrio do Estado.¹⁷

Em 9 de julho de 2021, Bolsonaro ameaça novamente a realização das eleições em 2022. Em conversa com apoiadores, sem provas, ele acusou o TSE de participar de fraudes. Bolsonaro criticou nominalmente o presidente do TSE, ministro Luís Roberto Barroso. “A fraude está no TSE, para não ter dúvida. Isso foi feito em 2014”, disse o presidente. “Não tenho medo de eleições. Entrego a faixa para quem ganhar no voto auditável e confiável. Dessa forma, corremos o risco de não termos eleições no ano que vem.”

Segundo o presidente, Barroso usa de “história esfarrapada” para dizer que o voto impresso fere o sigilo das eleições.

“É uma resposta de um imbecil. Lamento falar isso para uma autoridade do Supremo Tribunal Federal. Só um idiota para fazer isso. O que está em jogo é o nosso futuro e a nossa vida, não pode um homem querer decidir o futuro do Brasil na fraude”, afirmou Bolsonaro.

Em resposta ao presidente, Barroso afirmou que não iria “bater boca” e garantiu o pleito de 2022. “Cumpro o meu papel pelo bem do Brasil. Mas eleição vai haver, eu garanto”, disse.

Após críticas de Bolsonaro ao TSE e ao ministro Barroso, em 12 de julho, Luiz Fux revelou ter combinado com o presidente da República uma reunião entre os Três Poderes para que combinassem “balizas sólidas para a democracia”.

“Convidei o presidente da República para uma conversa diante dos acontecimentos. Debates quão importante é para a democracia brasileira o respeito às instituições e os limites impostos pela Constituição Federal. O presidente entendeu”, disse o presidente do STF.

“Ao final, combinamos uma reunião entre os Três Poderes para combinarmos balizas sólidas para a democracia, tendo em vista a estabilidade do regime político”.

¹⁶ FRANCISCO DA SILVA, Magno. O que é o bolsonarismo e como derrotá-lo. Tricontinental, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/o-que-e-o-bolsonarismo-e-como-derrota-lo/>.

¹⁷ BOITO JR., Armando. O CAMINHO BRASILEIRO PARA O FASCISMO. SciELO, 25 jun. 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccrh/a/CSKYLS49WkF4Zr7fnFJTMmm/?lang=pt#>.

A reunião foi marcada para o meio de julho, mas teve que ser adiada após Bolsonaro ser internado para tratar uma obstrução intestinal.

Em uma live, no dia 29 de julho, na qual prometia apresentar provas de fraude eleitoral em 2014, Bolsonaro acabou afirmando que ‘não tem como comprovar que eleições foram fraudadas’, mas manteve os ataques ao sistema eleitoral, novamente, sem provas.

Ministros do STF pediram resposta imediata de Luiz Fux sobre as declarações do presidente. O Judiciário ficou de reagir com o retorno do recesso parlamentar.

Em 2 de agosto de 2021, o TSE aprovou, por unanimidade, duas medidas contra o presidente Bolsonaro após o chefe do Executivo federal disparar uma série de ataques ao sistema eleitoral e ameaçar a realização das eleições em 2022.

Os ministros que compõem o TSE aprovaram de forma unânime uma portaria da Corregedoria-Geral da Justiça Eleitoral para a instauração de um inquérito administrativo contra o presidente da República e também pediram para incluir Bolsonaro no inquérito das fake news que tramita sob relatoria do ministro Alexandre de Moraes, do STF.

Esse inquérito administrativo deve analisar se Bolsonaro cometeu os crimes de “abuso do poder econômico e político, uso indevido dos meios de comunicação social, corrupção, fraude, condutas vedadas a agentes públicos e propaganda extemporânea” ao proferir os ataques ao sistema eleitoral e às urnas eletrônicas.

Um dia depois, como resposta, o TSE afirmou que Bolsonaro enviou à Corte documentação relativa às acusações de fraude nas urnas eletrônicas nas eleições de 2014 e de 2018. No entanto, segundo a assessoria do Tribunal, não foram apresentadas provas de que as urnas foram adulteradas.

O Tribunal também não divulgou mais informações sobre quais foram os pontos alegados pelo presidente na resposta e afirmou que o inquérito é “sigiloso” e não será divulgado na íntegra.

A resposta de Bolsonaro foi dada no âmbito de uma determinação do corregedor do TSE, o ministro Luís Felipe Salomão, em junho deste ano, após uma das afirmações do presidente de que houve fraude nas eleições de 2014 e 2018.

Bolsonaro também voltou a atacar o ministro Luiz Roberto Barroso. “O ministro Barroso presta um desserviço para a população brasileira. Não é uma briga contra o TSE ou STF, é contra o ministro do Supremo que é presidente do TSE querendo impor a sua vontade. Nós sabemos quanto Barroso deve para Luiz Inácio Lula da Silva”, disse a um grupo de apoiadores.

Em 4 de agosto do ano de 2021, o STF incluiu Bolsonaro no inquérito sobre ataques contra eleições. O ministro do STF Alexandre de Moraes aceitou o pedido de investigação contra o presidente Jair Bolsonaro por causa da live nas redes sociais em que ele fez acusações sobre a confiabilidade das urnas eletrônicas.

Moraes recebeu a notícia-crime feita pelo TSE, que acusa o presidente de ter espalhado informações falsas e ataques contra as instituições, em especial a Luís Roberto Barroso.

O até então presidente da República criticou a inclusão do nome dele como investigado no inquérito que apura ataques contra as eleições e ameaçou reagir fora dos limites da Constituição ao inquérito que tramita no STF.

“Sou presidente 24 horas por dia. O meu jogo é dentro das quatro linhas, mas se sair das quatro linhas, sou obrigado a sair das quatro linhas. É como o inquérito do Alexandre de Moraes: ele investiga, ele pune e ele prende. Se eu perder [as eleições] vou recorrer ao próprio TSE? Não tem cabimento isso”, declarou Bolsonaro à rádio Jovem Pan.¹⁸

No dia 5 de agosto, em entrevista à Rádio 93 FM, do Rio de Janeiro, Bolsonaro, novamente, atacou o STF e fez ameaças ao ministro Alexandre de Moraes um dia após ser incluído no inquérito das fake news. Na conversa fora da agenda oficial, o presidente declarou que Moraes é “a mentira em pessoa” e afirmou que “a hora dele vai chegar”.

“Ele fez um absurdo agora, me colocou como réu naquele inquérito fake news dele. O inquérito tem nome de fake news, mas fake news é o próprio Alexandre de Moraes. Ele é a mentira em pessoa dentro do Supremo Tribunal Federal”, disse o presidente, que também chamou Moraes de ministro “ditatorial”.

“Muitos têm medo de criticar o Supremo porque não só ele (Barroso), como Alexandre de Moraes têm tomado medidas que fogem ao mínimo de razoabilidade. O Barroso e o Alexandre de Moraes acusam todo mundo de tudo. Bota como réu do seu inquérito sem qualquer base jurídica para fazer operações intimidatórias (...) E a hora dele vai chegar porque ele está jogando fora das quatro linhas da Constituição há muito tempo. Eu não pretendo sair das quatro linhas para questionar essas autoridades, mas acredito que o momento está chegando. Não dá para continuarmos com um ministro, arbitrário, ditatorial, que não respeita a Constituição”, declarou Bolsonaro.

¹⁸ PEIXOTO, Sinara. Linha do tempo: a escalada da tensão entre STF e Bolsonaro em um mês. CNN Brasil, 5 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/linha-do-tempo-a-escalada-da-tensao-entre-stf-e-bolsonaro-em-um-mes/>.

Após as declarações de Bolsonaro, Alexandre de Moraes escreveu no perfil que mantém no Twitter que “ameaças vazias e agressões covardes” não vão afastar o STF de exercer sua “missão constitucional de defesa e manutenção da Democracia e do Estado de Direito”.

Em pronunciamento, Fux afirma que já havia alertado o presidente da República sobre os limites do exercício do direito à liberdade de expressão e sobre o “inegociável respeito entre os Poderes”, Fux destacou que Bolsonaro tem reiterado ofensas à Corte, em especial a Luís Roberto Barroso e Alexandre de Moraes.

Para o presidente do Supremo, “quando se atinge um dos integrantes da Corte, se atinge a Corte por inteiro”.

Por fim, Fux declarou que estava cancelada a reunião entre os três Poderes, proposta no início de julho.

Em 9 de agosto do mesmo ano, o TSE enviou ao STF uma notícia-crime sobre documentos divulgados pelo presidente Jair Bolsonaro nas redes, com a alegação de que eles provariam a invasão nos sistemas eleitorais brasileiros.

Em nota, o Tribunal justifica o pedido de apuração de eventual delito cometido “por parte do delegado de Polícia Federal que preside as investigações, do deputado federal Filipe Barros (PSL) e do presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, de informações confidenciais contidas no inquérito da Polícia Federal que investiga o ataque hacker sofrido pelo Tribunal em 2018”.

Bolsonaro divulgou documentos nas redes sobre uma suposta invasão a sistemas e bancos de dados do TSE, que tramitava na corte desde 2018 em conjunto com uma investigação da Polícia Federal sobre o alegado.

As publicações foram feitas após uma entrevista conjunta do presidente com o deputado Filipe Barros (PSL-PR), então relator da PEC do Voto Impresso na comissão especial – cujo texto foi rejeitado pela maioria dos parlamentares e será apreciado em Plenário nesta semana.

O TSE baseou-se na entrevista concedida a ambos à Rádio Jovem Pan para também denunciar possível envolvimento do delegado do caso na PF, que teria encaminhado os documentos ao parlamentar.¹⁹

¹⁹ PEIXOTO, Sinara. Linha do tempo: a escalada da tensão entre STF e Bolsonaro em um mês. CNN Brasil, 5 ago. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/linha-do-tempo-a-escalada-da-tensao-entre-stf-e-bolsonaro-em-um-mes/>

Tanto o fascismo quanto o bolsonarismo envolvem a mobilização de massas em torno de um líder carismático. Bolsonaro construiu uma base de apoio fervorosa, muitas vezes cultuando sua figura como a única solução para os problemas do país, em um paralelo claro com o culto fanático à personalidade de líderes fascistas como Mussolini e Hitler.

O fanatismo é uma patologia psíquica caracterizada por um fervor exagerado por causas políticas ou religiosas, baseado em convicções irracionais e dogmáticas. Esta condição é marcada por agressividade, preconceito, estreiteza mental, credulidade extrema, ódio, subjetividade de valores, individualismo intenso e prolongamento excessivo em determinadas situações.²⁰

O fanatismo surge como resposta a insatisfações generalizadas, levando grupos a defenderem suas verdades absolutas, alimentando conflitos. Na política, conservadores e progressistas se dividem em ideologias opostas, cada grupo vendo a verdade sob sua perspectiva.

Coletivamente, o fanatismo é genocida, levando a guerras irracionais em que a honra patriótica justifica a violência. Exemplos históricos, como o nazismo, mostram como a manipulação de massas pode transformar sociedades inteiras em máquinas de ódio e destruição.

O capitalismo contemporâneo agrava a situação, com crises econômicas alimentando descontentamentos que se manifestam politicamente. Governos, inevitavelmente presos à lógica capitalista, não conseguem resolver os problemas estruturais, perpetuando a instabilidade.²¹

Nota-se o fanatismo por parte dos apoiadores de Jair Bolsonaro em vários momentos. Um deles é quando, após a derrota do candidato nas eleições presidenciais no ano de 2022. Muitos se reuniram em rodovias e quartéis militares pedindo por intervenção militar (ou alienígena). “Ao menos 15 estados brasileiros ainda possuem manifestações ativas em rodovias de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL), na manhã desta quarta-feira (2), segundo levantamento feito pela CNN.” Notícia de 2 de novembro de 2022.²²

“Bolsonaristas contrários ao resultado da eleição presidencial realizaram atos em frente a bases do Exército na quarta-feira (2), em pelo menos 24 estados e no Distrito Federal.

²⁰ ALMEIDA, Antonio. Natureza, causas e consequências do fanatismo. Segunda Opinião, 5 jun. 2023. Disponível em: <https://segundaopinio.jor.br/natureza-causas-e-consequencias-do-fanatismo/>.

²¹ ALMEIDA, Antonio. Natureza, causas e consequências do fanatismo. Segunda Opinião, 5 jun. 2023. Disponível em: <https://segundaopinio.jor.br/natureza-causas-e-consequencias-do-fanatismo/>.

²² SOUZA, Renata. Em 24h, número de interdições e bloqueios em rodovias cai de 235 para 146. CNN, 2 nov. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/live-update/politica/as-ultimas-noticias-sobre-os-bloqueios-nas-rodovias-por-apoiadores-de-bolsonaro-2/>.

Os apoiadores do presidente Jair Bolsonaro (PL) pediam intervenção militar, o que é inconstitucional, e "intervenção federal com Bolsonaro no poder". A polícia acompanhava os estados onde foram registrados atos. Em Santa Catarina, o Grupo de Apoio ao Combate às Organizações Criminosas (Gaeco) apura um vídeo em que bolsonaristas aparecem repetindo um gesto semelhante à saudação nazista "Sieg Heil", uma espécie de reverência, enquanto todos cantam o Hino Nacional.” Reportagem de 02 de novembro de 2022 do G1.²³

Em 5 de setembro de 2018, às vésperas do esfaqueamento de Bolsonaro em Juiz de Fora (MG), simpatizantes do então candidato a presidente reagiram a uma publicação feita no Facebook pela Embaixada da Alemanha no Brasil, pedindo cuidado com regimes de “extremistas de direita”.

O vídeo, que foi ao ar no dia 5 de setembro, gerou grande discussão entre os usuários da rede social porque alguns brasileiros contestaram a existência do holocausto e afirmaram que o nazismo, na verdade, foi um regime de esquerda. Alguns chegaram a usar o termo “holofraude” para contestar a história.

O nazismo foi um regime que surgiu na Alemanha na década de 1930 e que levou ao holocausto (sacrifício físico em massa) e à morte de 6 milhões de judeus durante a Segunda Guerra Mundial (1939-1945). A embaixada explica que, por isso, os alemães começam a estudar sobre a história do nazismo e do holocausto desde os 13 anos, e que na Alemanha é crime a própria negação do holocausto, bem como exibir símbolos nazistas e fazer a saudação “Heil Hitler” – a famigerada alusão a Adolf Hitler, líder máximo do nazismo.

Alguns brasileiros comentaram a publicação e contestaram a veracidade das informações trazidas pela embaixada. “Extremistas de direita? O partido de Hitler se chamava Partido dos Trabalhadores Socialistas. Onde tem extrema direita?”, questiona um dos comentários. “O holofraude está com os dias contatos”, diz outro.

Em vários momentos, o ex-presidente demonstra uma certa glorificação a regimes como o de Adolf Hitler. Em 1995, Bolsonaro defendeu estudantes do Colégio Militar de Porto Alegre que haviam escolhido Adolf Hitler como o personagem histórico mais admirado. O então deputado federal ainda disse, na ocasião, que os alunos votaram em Hitler por entenderem que “de uma forma ou de outra”, o líder nazista soube impor ordem e disciplina.

²³ BOLSONARISTAS se reuniram em atos antidemocráticos em 24 estados e no DF. G1, 2 nov. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2022/noticia/2022/11/02/atos-bolsonaristas-quarteis-brasil.ghtml>.

Adolf Hitler foi escolhido por 84 dos 158 formandos da turma de 1995, que incluíram seu nome na revista estudantil *Hyloea* publicada em 1997. “Quero deixar patente minha revolta com a grande mídia, um tanto quanto servil, que criticou duramente o Colégio Militar de Porto Alegre apenas porque nove entre 84 alunos resolveram eleger entre Conde Drácula, Hércules, Nostradamus, Rainha Catarina, Átila – só faltou FHC (Fernando Henrique Cardoso) -, Hitler como personalidade histórica mais admirada”, afirmou Bolsonaro em discurso realizado na Câmara dos Deputados.²⁴

O bolsonarismo promove uma ideologia nacionalista que exalta os valores tradicionais e busca preservar uma suposta identidade nacional ameaçada. Essa retórica nacionalista é semelhante à dos movimentos fascistas, que frequentemente enfatizavam a superioridade nacional e a necessidade de restaurar uma suposta grandeza perdida. O bolsonarismo é a expressão atual do fascismo brasileiro. Uma corrente política que encarna a função de cão de guarda dos interesses do capital financeiro e da burguesia imperialista. Trata-se de um instrumento para dar sobrevida ao capitalismo em meio a desintegração do estado liberal e a decadência econômica.²⁵

Sua origem, no caso, o ressurgimento do fascismo, está totalmente relacionado com a crise do modo de produção capitalista e a desmoralização de suas democracias liberais. A burguesia dos países imperialistas, em consonância com seus sócios de classe dos países com economias dependentes, necessita radicalizar a extração de mais-valia do proletariado mundial para manter as suas elevadas taxas de lucro, apesar do caos constante inerente a natureza do próprio capitalismo, gerando ainda mais desemprego, miséria e deterioração das condições de trabalho.

O descontentamento, revoltas, greves, mobilizações e possibilidades de revoluções decorrem como consequência do enfrentamento da classe trabalhadora contra as medidas de decomposição da sua condição de vida. Em momentos assim, a burguesia tira da manga a carta fascista, forjando governos altamente repressivos e ditatoriais com o objetivo de sufocar qualquer possibilidade de resistência e transformação, estabelecendo por meio da violência uma falsa paz, a garantia dos seus interesses e a sobrevivência do modo de produção capitalista.

²⁴ LAGO, RUDOLFO; SARDINHA, EDSON; LIPPELT, VANESSA. ONZE VEZES EM QUE O BOLSONARISMO FLERTOU COM O NAZISMO. Congresso em foco, Uol, 13 fev. 2022. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/onze-vezes-em-que-o-bolsonarismo-flertou-com-o-nazismo/>.

²⁵ FRANCISCO DA SILVA, Magno. O que é o bolsonarismo e como derrotá-lo. Tricontinental, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/o-que-e-o-bolsonarismo-e-como-derrota-lo/>.

Essa dinâmica pode ser observada no contexto da ditadura militar brasileira, que se iniciou em 1964. Naquele período, o Brasil enfrentava intensa agitação social, com movimentos trabalhistas, greves e manifestações exigindo reformas sociais e econômicas. A frente de luta pelas reformas de base incluía diversos grupos políticos de esquerda e nacionalistas, como as Ligas Camponesas, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), a Frente Parlamentar Nacionalista (FPN), o Comando Geral dos Trabalhadores (CGT), sargentos das Forças Armadas e estudantes representados pela União Nacional dos Estudantes (UNE). Esse período também foi marcado por intensa atividade cultural, com movimentos como o Cinema Novo, o Teatro de Arena e o Centro Popular de Cultura (CPC da UNE) promovendo um debate engajado e revolucionário nas artes.²⁶

Em resposta, setores da elite econômica e militar promoveram um golpe de Estado, instalando um regime autoritário que visava restaurar a "ordem" e proteger os interesses da classe dominante. O governo militar reprimiu brutalmente a oposição, censurou a imprensa, perseguiu dissidentes e adotou políticas que favoreciam o capital internacional e nacional, assegurando a continuidade do modo de produção capitalista. A ditadura usou a violência e a intimidação para criar uma falsa sensação de estabilidade, sufocando movimentos de resistência e deslegitimando qualquer tentativa de transformação social.

A crise do *subprime*, desencadeada em meados de 2007 nos Estados Unidos, tornou-se uma crise financeira internacional, cujos problemas ainda perduram em nível mundial. A origem dessa crise traz à tona questionamentos acerca da liberalização financeira. A liberalização financeira corresponde, de maneira geral, à desregulamentação do setor bancário, à livre mobilidade de capitais entre os países, à difusão das inovações financeiras. Esta última faceta da liberalização financeira apresenta relevância substancial no desenrolar da crise financeira de 2008, pois, como define Carvalho et al. (2000), as inovações financeiras referem-se à produção de novos tipos de serviços financeiros ou a novas formas de produção dos serviços financeiros já existentes, com intuito de representarem armas competitivas frente aos concorrentes. O processo de securitização e o desenvolvimento do

²⁶ CONCEIÇÃO, Fernando da. *Ditadura militar e democracia no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2001. Disponível em:

<https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/32494786/livro_ditadura_militar-libre.pdf?1391110810=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DDitaDura_Militar_e_DeMocracia_no_Brasil.pdf&Expires=1722291486&Signature=NfcTjcgL~byyN0vRzp5su16FY-cg38PMn5CAEjUPUaqBMXj~9GWCUJCUJUAOCInVFMWqicGqRydJuDiTDEpxwzfTU0nd9-xpIkod1~FBW9tlzjnKFAxWiiLnR0Gx~iarpZjg5mYXT5ZNVW5~BA52fhfep5rzsqMjjiqYwSGFeKkeBg4W8oN45wCIVp42UBmNDexF5sOuObghvqcZhrptUy1-Sh1o5YYu93bzxEDzO1HmfnoIDIm7CrV15CA52uVIzn4tO1OjOO16bk0qiiD2sqVNOB0YDDs~HIAo2-rUUbTi2SZIUdHNyz-qU-SWjy72q5UHuF-WOTpANqGKa4c3Rg__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em: 25 jul. 2024.

mercado de derivativos são exemplos típicos de inovações financeiras – operações altamente exploradas pelos investidores no período anterior à crise de 2008.²⁷

Nesse contexto, a burguesia recorre à implementação de governos autoritários como uma estratégia para reprimir movimentos de resistência e assegurar a manutenção de seus interesses. Isso foi observado no Brasil com a ditadura militar de 1964, onde a elite econômica apoiou um regime repressivo para sufocar a crescente demanda por reformas estruturais que ameaçavam a ordem capitalista estabelecida.

Em tempos de crise, governos autoritários podem surgir como uma resposta a tumultos sociais e econômicos. Eles prometem restaurar a ordem através de medidas repressivas e controle estatal mais rígido. A ascensão de líderes como Donald Trump nos Estados Unidos e Jair Bolsonaro no Brasil exemplifica essa dinâmica.

Imersos na decadência social, a população dos mais diversos países vai perdendo a crença na democracia liberal, decorrente da incapacidade dos partidos tradicionais da direita e dos partidos reformistas da esquerda oferecerem saídas plausíveis para a situação de vulnerabilidade da classe trabalhadora.

No caso dos partidos de direita e de seus políticos não se espera absolutamente nada a favor da classe trabalhadora, por isso é tão nefasto o papel desempenhado pela esquerda reformista e sua política de conciliação entre burgueses e proletários, inclusive implementando as medidas de retiradas de direitos dos trabalhadores, fazendo o jogo sujo da burguesia. É importante destacar que essa descrença se estabelece também pela desmoralização derivada do jogo sujo da corrupção, das gorjetas em arapucas que a própria burguesia cria na disputa de suas frações pelo poder.²⁸

Esse é o caso do Partido dos Trabalhadores, apesar de governar o Brasil durante 13 anos, em nenhum momento enfrentou a burguesia, muito pelo contrário, se comprometeu a não alterar nada da estrutura econômica do país e do Estado, fez alianças com partidos de direita, fortalecendo-os, adotou uma profunda flexão do seu programa político, realizou privatizações, cortou investimentos nas áreas sociais para pagar a dívida pública, gerou lucros

²⁷ LIMA, Thaís Damasceno; DEUS, Larissa Naves. A crise de 2008 e seus efeitos na economia brasileira. Cadernos de Economia, 2013. Disponível em: <file:///home/chronos/u-a04d1d23bb77feeb042158476bb9329939e71049/MyFiles/Downloads/admin,+1651-5464-1-CE.pdf>.

²⁸ LIRIO, Sergio. "A esquerda reformista ainda tem futuro". Entrevista com Chico de Oliveira. CartaCapital, 2 abr. 2018. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/188-noticias-2018/577525-chico-de-oliveira-a-esquerda-reformista-ainda-tem-futuro.>

recordes aos bancos e retirou direitos dos trabalhadores no momento que eles mais necessitavam.²⁹

Não bastasse, o PT e outras forças reformistas e liberais, que dirigem as centrais sindicais, levaram a classe trabalhadora a desconfiança ao convocar greves gerais e trair os interesses populares com acordos com a burguesia para que tudo se resolvesse após as eleições de 2018, o que ocasionou derrotas profundas. É o caso da luta contra a Reforma da Previdência. Após as traições das centrais sindicais nas Greves Gerais de 2017, a Reforma foi aprovada em 2019 sem sequer um apito na porta do Congresso Nacional.

O fascismo e o bolsonarismo compartilham uma propensão para o uso da violência e da intimidação como ferramentas políticas. A retórica agressiva de Bolsonaro e de seus seguidores, juntamente com a tolerância ou até mesmo a promoção da violência contra grupos minoritários e dissidentes políticos, ecoa táticas empregadas por movimentos fascistas.

Um exemplo disso é uma de diversas falas que teve: “Outro dia eu falei... A mãe quer que o Joãozinho continue sendo Joãozinho. Ah, declaração homofóbica... Meu Deus do céu. Porra... Onde nós iremos? Cedendo para as minorias... As leis existem, no meu entender, para proteger as maiorias. As minorias têm que se adequar.” Disse Jair Messias Bolsonaro em um culto evangélico da igreja Assembleia de Deus em Juiz de Fora.³⁰

O fundamentalismo religioso tornou-se uma força política no Brasil a partir dos anos 1990, com o investimento das igrejas neopentecostais em prol da eleição de seus pastores. Por vezes se fala na “bancada evangélica”, mas a expressão ignora diferenças entre as denominações protestantes, invisibiliza o setor minoritário, mas não inexistente, de evangélicos com visão mais progressista e, sobretudo, deixa de lado a importante presença do setor mais conservador da Igreja católica no Congresso, não por meio de sacerdotes, mas de leigos engajados.

O fundamentalismo, também faz parte do bolsonarismo e se define pela percepção de que há uma verdade revelada que anula qualquer possibilidade de debate. Ativos na oposição ao direito ao aborto, a compreensões inclusivas da entidade familiar e a políticas de combate à homofobia, entre outros temas, os parlamentares fundamentalistas se aliam a diferentes forças conservadoras no Congresso, numa ação conjunta que fortalece a todos. Fora do

²⁹ FRANCISCO DA SILVA, Magno. O que é o bolsonarismo e como derrotá-lo. Tricontinental, 25 jun. 2020. Disponível em: <https://thetricontinental.org/pt-pt/brasil/o-que-e-o-bolsonarismo-e-como-derrota-lo/>.

³⁰ ANDRADE, Hanrikson de. Bolsonaro contraria Constituição e diz que ‘minorias têm que se adequar’. Uol, 15 jul. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/07/15/bolsonaro-defende-falas-transfobicas-minorias-t-em-que-se-adequar.htm>.

Congresso, pastores com atuação política e forte presença nas redes sociais, como Silas Malafaia, dão voz à sua pauta.

Tanto o fascismo quanto o bolsonarismo incorporam elementos de populismo autoritário, buscando capitalizar o descontentamento popular e apresentando-se como os únicos representantes legítimos do povo, enquanto deslegitimam a oposição como anti-nacional.

Negacionismo e conspiracionismo são ferramentas intrínsecas ao populismo reacionário. Na última década, o vocabulário político tem sido inundado por termos como crise, autoritarismo, regressão democrática, fascismo e extremismos, porém, a questão é mais complexa, refletindo os desafios enfrentados pelas democracias liberais. No Brasil, a ascensão do presidente Jair Bolsonaro e seus anos no poder foram marcados por tentativas de desestabilização democrática.

O populismo reacionário, conforme abordado em "O Populismo Reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo", é caracterizado pela liderança carismática que busca representar uma suposta maioria contra o restante da sociedade, apresentando-a como uma ameaça. Esse tipo de populismo compromete as bases da democracia liberal ao negar a autonomia da oposição e a reversibilidade das maiorias através das eleições.

O reacionarismo, por sua vez, busca fazer regredir processos de democratização, liberalização e secularização, buscando uma restauração de uma ordem percebida como perdida. Enquanto o conservadorismo busca preservar instituições dentro da ordem, o reacionarismo almeja uma ruptura com essa ordem em busca de uma suposta regeneração.

O negacionismo é uma parte estruturante do pensamento reacionário, como evidenciado pela negação dos crimes da ditadura militar no Brasil por parte do presidente Bolsonaro. Esse negacionismo não é apenas circunstancial, mas estrutural, visando criar uma realidade paralela. Ele ataca a imprensa, a ciência e a academia, buscando minar as bases da modernidade política.

O conspiracionismo, por sua vez, é a ideia de que a verdade está sempre oculta e precisa ser revelada por indivíduos excepcionais, tornando-se útil para o populismo reacionário ao alimentar uma cultura política da desconfiança e favorecer a obediência inquestionável ao líder carismático.

A derrota de Bolsonaro não significou o dismantelamento dessa estrutura de desinformação e construção de narrativas paranoicas. Neutralizar esses veículos do dissenso

reacionário é crucial para preservar a democracia e impedir projetos de destruição democrática.³¹

O fenômeno do bolsonarismo no Brasil nos obriga a refletir sobre as condições que o possibilitaram e ainda o sustentam, especialmente em um contexto onde as redes sociais desempenham um papel crucial na disseminação de informações. Desde a eleição de Donald Trump nos Estados Unidos em 2016, ficou evidente o poder das fake news nas redes sociais como estratégia de manipulação midiática de massas. No Brasil, esse papel central do compartilhamento de mensagens falsas foi observado nas eleições de 2018 e continua presente até os dias atuais.

Abordar o fenômeno do bolsonarismo é complexo por duas razões principais: primeiro, pela dificuldade de enxergar claramente algo que está tão próximo e, ao mesmo tempo, tão perturbador, e segundo, pela rapidez das transformações nas tecnologias de comunicação, especialmente nas redes sociais. Em 2013, as manifestações populares já indicavam a emergência do poder das mídias virtuais, mas logo essas plataformas foram capitalizadas por forças manipuladoras, disseminando afetos irracionais e ódio por meio de notícias falsas.

A desinformação durante a pandemia, como o negacionismo e a promoção de tratamentos sem eficácia comprovada, exemplifica os perigos do uso das redes sociais para influenciar a opinião pública. A rapidez das mudanças tecnológicas, com o uso de robôs e algoritmos de inteligência artificial, confere ao capital um controle sem precedentes sobre o espaço virtual, ameaçando a própria democracia.

Diante desse contexto, a psicanálise pode lançar luz sobre duas questões importantes: em primeiro lugar, como as fake news conseguem se tornar virais e influenciar tantas pessoas? E, em segundo lugar, além da crença, o que leva as pessoas a aderirem em massa a ideias absurdas?

Lacan nos oferece uma perspectiva interessante ao afirmar que todo discurso é um semblante, ou seja, esconde uma impossibilidade de acesso à verdade. Na política, isso se manifesta na criação de promessas vazias que dependem da crença dos eleitores para funcionarem. No entanto, a descrença também pode ser mobilizada, como vimos nas eleições de 2010 e nos anos seguintes, com a ascensão do bolsonarismo.³²

³¹ LYNCH, Christian; CASIMIRO, Paulo. Negacionismo e conspiracionismo como instrumentos do populismo reacionário. Revista Coletiva, Recife, n. 32, jan.fev.mar.abr.mai. 2023. Disponível em: <<https://www.coletiva.org/dossie-negacionismos-e-autoritarismo-n32-artigo-negacionismo-conspiracionismo-populismo-reacion>>.

³² BISPO, Fábio Santos; SCARAMUSSA, Melissa Festa; SILVA, Beatriz Oliveira Da. Bolsonarismo e a psicologia das massas 100 anos depois. Trivium, Rio de Janeiro, v. 14, n. spe, p. 113-126, abr. 2022.

A estratégia do bolsonarismo envolve a relativização da verdade, explorando a desconfiança nas instituições e na mídia tradicional. A disseminação de fake news é uma tentativa de criar uma "verdade alternativa" que se contrapõe às narrativas estabelecidas. Ao desqualificar o jornalismo e a ciência, o bolsonarismo busca estabelecer sua própria narrativa, baseada na ideia de que "quem tem coragem de proferir sua própria verdade" tem mais valor.

Assim, o bolsonarismo se aproveita das falhas do sistema de saber e poder para difundir sua ideologia, destacando-se pela sua capacidade de explorar a desconfiança generalizada nas instituições democráticas.

A noção de identificação com o líder como ideal simbólico, mesmo que paradoxal, é especialmente relevante para entender como Bolsonaro conseguiu mobilizar uma base diversificada de apoiadores. Sua imagem de "outsider" que desafia as normas políticas tradicionais parece ter capitalizado a descrença generalizada nas instituições estabelecidas.

Embora a desconfiança nas instituições seja um fator importante, ela não parece ser suficiente para explicar completamente a disseminação maciça de notícias falsas absurdas. Nesse sentido, recorreremos as ideias de Freud (1921/1996) sobre a psicologia das massas ou psicologia de grupo, que ainda são relevantes hoje. A ambiguidade nas traduções desses conceitos pode ser útil para entender o fenômeno das fake news.

Freud explora como a dinâmica de grupo altera o comportamento individual, destacando a supressão do eu em prol do grupo, a intensificação das emoções e a indiferença em relação à verdade. Ele também argumenta que o desejo de amor pode ser uma força motriz por trás da adesão cega a um grupo. No entanto, ele ressalta que essas dinâmicas são mais comuns em grupos efêmeros, como multidões, do que em instituições mais organizadas.

Essas ideias de Freud são relevantes para entender a mobilização em torno de fake news em grupos bolsonaristas do WhatsApp. Neles, a veracidade das informações fica em segundo plano, enquanto as emoções são intensificadas e o desejo por pertencimento é explorado. O líder desempenha um papel crucial nesse processo, capitalizando a descrença nas instituições e se apresentando como uma figura fora do establishment político tradicional.

Além disso, as características únicas dos grupos de WhatsApp permitem uma conexão contínua e intensa, mantendo os membros engajados e alimentando a disseminação de fake news. A identificação com o líder é central nesse contexto, mesmo que ele se apresente como alguém que desafia as normas políticas convencionais.

Disponível em

<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912022000100011&lng=pt&nrm=iso>.

No entanto, essa identificação não se baseia apenas na oferta de amparo pelo líder, mas também na sua capacidade de incitar a violência e o ódio. Isso é particularmente evidente no contexto brasileiro, onde questões de exclusão social e violência são destacadas.

A constante necessidade do líder de reiterar seu lugar de exceção pode levar a um estado suicida, onde a destruição das instituições se torna uma prioridade, sem consideração pela coerência ou pelo bem-estar da população.

As fake news são usadas para mobilizar e manter grupos de apoio político, mesmo que isso signifique comprometer a verdade e promover a divisão social.³³

A disseminação de fake news e a exploração da desconfiança nas instituições têm um impacto profundo na juventude, especialmente através das redes sociais e aplicativos de mensagens. Jovens, em busca de identidade e pertencimento, encontram em movimentos autoritários narrativas simplistas e soluções aparentes para problemas complexos. Líderes carismáticos, ao se apresentarem como outsiders que desafiam o status quo, conseguem mobilizar esses jovens ao oferecer uma identidade de grupo que promete pertencimento e propósito.

Essa manipulação emocional, intensificada pelas características únicas das plataformas de comunicação, normaliza a violência e promove uma visão de mundo polarizada. A desqualificação da mídia tradicional e da ciência cria um ambiente onde a "verdade alternativa" se torna uma arma poderosa para esses movimentos. Em contextos como o brasileiro, essa radicalização online tem repercussões diretas nas escolas, onde a violência é frequentemente alimentada por discursos de ódio e intolerância.

Os jovens, influenciados por líderes que incitam a violência e o ódio, acabam reproduzindo esses comportamentos no ambiente escolar. A constante exposição a essas ideias, combinada com a identificação com figuras que prometem romper com as normas estabelecidas, gera um ciclo de radicalização e conflito. Assim, a violência nas escolas não é apenas um reflexo das tensões sociais, mas também um resultado da captura de mentes jovens por movimentos que promovem a violência através da internet, exacerbando as divisões e conflitos na sociedade.

O primeiro ataque em escolas no Brasil foi reportado em agosto de 2001, na Bahia. Desde então, foram 36 ataques cometidos por 39 estudantes e ex-estudantes, em 37 escolas,

³³ BISPO, Fábio Santos; SCARAMUSSA, Melissa Festa; SILVA, Beatriz Oliveira Da. Bolsonarismo e a psicologia das massas 100 anos depois. Trivium, Rio de Janeiro, v. 14, n. spe, p. 113-126, abr. 2022. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912022000100011&lng=pt&nrm=iso>.

que resultaram em 40 mortes e 102 pessoas feridas. Das 37 escolas atingidas, 30 eram públicas (17 estaduais e 13 municipais) e sete, particulares.³⁴

A correlação entre as mudanças na legislação sobre armas e o aumento de casos de violência nas escolas é uma possível evidência da causa do considerável aumento de incidentes desde 2022, quando as escolas reabriram após um extenso período de fechamento. Os 21 ataques e 11 mortes ocorridos nesse período representam 58,3% de toda a história dessa violência no país.³⁵

Segundo o relatório “*ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental*” do Grupo de Trabalho de Especialistas em Violência nas Escolas ataques às escolas, normalmente, são *copycat crimes* (crimes por imitação). *Copycat crimes* são delitos que se baseiam ou são inspirados em um crime anterior. Isso favorece e explica o “*efeito de onda*”, estabelecido no Brasil desde 2017, e a correlação com casos nos Estados Unidos, como o trágico evento de Columbine em 1999, é evidente.³⁶

Dados de um levantamento mostram que, até outubro de 2023, o Brasil experimentou 36 ataques a escolas, afetando 37 comunidades escolares e resultando em 164 vítimas, incluindo 49 mortes. A maioria desses ataques envolveu o uso de armas de fogo, que foram responsáveis pela grande maioria das mortes.

Mulheres são 60% das vítimas em ataques ocorridos dentro de escolas no Brasil e os autores desses episódios violentos são homens — a maioria deles, brancos, segundo estudo de pesquisadores da Unicamp.³⁷

A cooptação desses adolescentes geralmente ocorre em ambientes virtuais, onde estratégias como humor e linguagem violenta são utilizadas, especialmente de natureza

³⁴ NUNES, Tote. Escolas registram explosão de casos de violência extrema em 2022 e 2023. Unicamp, 11 dez. 2023. Disponível em:

<https://www.unicamp.br/unicamp/noticias/2023/12/11/escolas-registram-explosao-de-casos-de-violencia-extrem-a-em-2022-e>

³⁵ MATTOS, Laura. Brasil teve 36 ataques a escolas; pós pandemia tem 60%. Uol, 23 out. 2023. Disponível em: https://www.google.com/search?q=ataques+a+escolas+no+brasil&rlz=1CAUSZT_enBR1071BR1071&oq=ataques+a&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqBwgBEAAYgAQyBggAEEUYOTIHCAEQABiABDIQCAIQABiDARixAxiABBiKBTIHCAQABiABDIHCAQQABiABDIHCAUQABiABDIHCAYQABiABDIHCAcQABiABDIHCAgQABiABDIHCAkQABiABNIBCDc3MjJqMG03qAIAAsAIA&sourceid=chrome&ie=UTF-8#:~:text=Brasil%20teve%2036,2023/10%20%E2%80%BA%20b.

³⁶ CARA, Daniel. ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Ministério da Educação, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>

³⁷ PEREIRA GUIMARÃES, Saulo; BIMBATI, Ana Paula. Ataques a escolas têm 100% de autores homens, e maioria de vítimas é mulher. Uol, 2 dez. 2023. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/noticias/2023/12/02/ataques-escolas-vitimas-mulheres-autores-homens.htm#:~:text=Ataques%20a%20escolas%20t%C3%AAm%20100%25%20de%20autores%20homens%2C%20e,maioria%20de%20v%C3%ADtimas%20%C3%A9%20mulher&text=Mulheres%20s%C3%A3o%2060%25%20das%20v%C3%ADtimas,estudo%20de%20pesquisadores%20da%20Unicamp>.

misógina, machista e racista. Grupos extremistas recrutam com base em ressentimentos emocionais e valores reacionários, e embora ferramentas de controle parental e uma postura crítica sejam eficazes na prevenção desses ataques, sua eficácia é limitada devido à falta de alfabetização informacional e educação crítica midiática na população em geral.³⁸

Segundo Daniel Cara, docente da Faculdade de Educação da USP e relator do documento, “esse novo relatório do Ministério da Educação consolida o fato de que o extremismo mobiliza os ataques. Não se trata de violência nas escolas apenas, mas de violência contra as escolas, que têm um vínculo orgânico retroalimentado pela violência nas escolas e a violência da escola.”³⁹

O fenômeno do bolsonarismo pode ser visto como precedente da violência nas escolas, em um sentido mais amplo de desordem social e descontentamento. Os ataques às escolas, muitas vezes motivados por extremismo e misoginia, refletem uma fragmentação social e uma crise de valores. Nesse contexto, o bolsonarismo e suas ideias pro violência emergem como uma resposta simplista e autoritária, oferecendo uma suposta solução para a insegurança e o desequilíbrio percebidos.

A violência nas escolas não apenas alimenta um ciclo de desconfiança e medo na sociedade, mas também cria um terreno fértil para ideologias extremistas prosperarem. Os ambientes virtuais, onde muitas vezes ocorre a cooptação de jovens para esses ideais, tornam-se espaços onde discursos de ódio e intolerância se disseminam.

A conexão entre o bolsonarismo e a violência nas escolas está na sua origem comum de desordem social e descontentamento. Ambos são sintomas de uma sociedade em crise, onde a busca por soluções simplistas e autoritárias pode ganhar terreno em meio ao caos e à incerteza.

O documento de Fernando Vechi explora a formação e disseminação do discurso pró-armas no Brasil, concentrando-se na influência exercida pelo movimento neoconservador dos Estados Unidos, especialmente pela National Rifle Association (NRA), nos debates legislativos brasileiros. A tese argumenta que a Bancada da Bala, um grupo de deputados federais brasileiros que defende a flexibilização das leis de armas, está ideologicamente alinhada com as posturas neoconservadoras norte-americanas.

³⁸ CARA, Daniel. ATAQUES ÀS ESCOLAS NO BRASIL: análise do fenômeno e recomendações para a ação governamental. Ministério da Educação, 7 mar. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/aceso-a-informacao/participacao-social/grupos-de-trabalho/prevencao-e-enfrentamento-da-violencia-nas-escolas/resultados/relatorio-ataque-escolas-brasil.pdf>

³⁹ CASTRO SOUZA, Guilherme. Ocorreram 36 ataques a escolas no Brasil entre 2002 e 2023. Jornal Usp, 19 fev. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/atualidades/ocorreram-36-ataques-a-escolas-no-brasil-entre-2002-e-2023/#:~:text=Segundo%20o%20documento%2C%20o%20Brasil,fatais%20e%20115%20pessoas%20feridas.>

O estudo contextualiza o crescimento do conservadorismo político no Brasil, particularmente a partir da 55ª legislatura, marcada por um aumento significativo de representantes com pautas alinhadas ao armamentismo, como a flexibilização do Estatuto do Desarmamento. Vechi analisa como esses discursos não apenas moldam as políticas públicas, mas também como ganham força e visibilidade através das redes sociais, com destaque para o Twitter, onde figuras como Eduardo Bolsonaro desempenham um papel central na promoção dessas ideias.

A pesquisa também destaca a utilização dos conceitos de populismo punitivo e pânico moral para entender como a sensação de insegurança pública e o medo são explorados politicamente para justificar a ampliação do direito ao porte de armas. A tese utiliza uma metodologia mista, combinando análise quantitativa e qualitativa de dados, incluindo a extração e análise de tweets de membros da Bancada da Bala, para examinar como esses discursos são articulados e difundidos na esfera pública.

Ao longo do trabalho, Vechi relaciona os discursos armamentistas no Brasil com a literatura pró-armas dos Estados Unidos, demonstrando como autores como John Lott Jr. e organizações como a NRA têm influenciado o pensamento e a ação política de deputados brasileiros. A tese conclui que esses discursos refletem uma adaptação do ideário neoconservador norte-americano ao contexto brasileiro, contribuindo para a legitimação de políticas punitivistas e o fortalecimento de uma cultura armamentista no país.